

Conversas com Política

O Impacto da Biotecnologia na Agricultura: Perspectivas para Portugal

5 de Abril 2006 - Museu da Ciência da Faculdade de Lisboa

- Enquadramento do Evento -

Margarida Trindade, Coordenadora da Associação Viver a Ciência

A **Associação Viver a Ciência**, a qual eu estou actualmente a coordenar, é uma associação de cientistas relativamente jovens que se propuseram divulgar a ciência realizada em Portugal, primando critérios de excelência e competitividade internacional, e criar condições para que haja um maior investimento em investigação e carreiras de ciência.

Quando o Centro de Informação em Biotecnologia desafiou a Viver a Ciência para se associar a estas “Conversas com Política”, estávamos a concluir um projecto denominado “A Ciência e o Parlamento”.

Durante oito meses reunimos com deputados da Comissão de Educação, Cultura e Ciência, apresentámos o projecto à Presidência da Assembleia da República, convidámos todos os 230 deputados a serem cientistas por um dia, interagimos com todos os grupos parlamentares.

Mas o que propúnhamos especificamente com este projecto?

Sumariamente, propúnhamos levar cientistas à Assembleia da República – para abordar temas tais como a investigação em células estaminais, alterações climáticas e energias renováveis, as condições da profissão de cientista... em última análise, temáticas em que julgamos importante haver uma fundamentação rigorosa antes da decisão política.

E desafiávamos os deputados a passarem um dia num centro de investigação, vestindo a bata branca típica do cientista de laboratório e experimentando o que é sê-lo por um dia. Pensávamos que este contacto informal seria um método eficaz para mostrar ao mundo da política que os cientistas podem e devem ser envolvidos no processo de debate político e cívico, contribuindo assim para o progresso do país.

Conversas com Política

O Impacto da Biotecnologia na Agricultura:
Perspectivas para Portugal



Dos vários contactos que tivemos, fomos sempre recebidos com cortesia e nunca nos disseram que não. No entanto, fizeram-nos entender que a agenda do trabalho parlamentar era complexa e que as regras da paridade não facilitavam a iniciativa individual dos deputados eleitos. Deram-nos a entender que cada grupo parlamentar, à sua maneira, já se esforçava por integrar nas suas audições cientistas e tecnólogos.

No final, acabámos por conseguir realizar uma conferência internacional sobre aconselhamento científico a parlamentos em que trouxemos a Lisboa e ao Parlamento dois dos maiores especialistas internacionais em dinamizar a relação entre a comunidade científica e os decisores políticos – porque afinal não é preciso estar sempre a inventar a roda.

E tivemos muita satisfação em receber uma delegação da Comissão Parlamentar num dos centros de investigação que se tinham disponibilizado em receber deputados.

Porque é que não se conseguiu ir mais além?

Da parte da comunidade científica houve uma enorme e generosa disponibilidade em receber os deputados nos seus laboratórios ou em irem à Assembleia da República falarem do seu trabalho; aliada a uma grande curiosidade pelas formas de interacção com os políticos. Por outro lado, algum cepticismo nos resultados destas acções.

Da parte dos deputados, notámos o esforço para demonstrar que consideram inegável a importância de incluir a ciência e a tecnologia na sua agenda política. Contudo, notámos que iniciativas que partem da sociedade civil são recebidas com uma forte dose de desconfiança institucional e, também que existe uma total ausência de tradição no seio dos deputados portugueses em reagir individualmente a solicitações deste tipo.

Mas a questão importante é agora: o esforço valeu a pena?

A resposta é, sem dúvida, afirmativa.

Valeu a pena porque criou pontes. Os deputados que contactaram com os cientistas levaram para a Assembleia, pelas suas próprias palavras, uma nova visão da moderna ciência que se faz; os investigadores e jovens doutorandos que estiveram com os deputados conheceram pessoas motivadas e responsáveis e não políticos desinteressados.



Valeu a pena porque teve alguns efeitos práticos que importa seguir: o Parlamento português foi convidado a participar, como observador, na próxima conferência da EPTA – a rede europeia de estruturas de aconselhamento científico-tecnológico a parlamentos. Resta dizer que Portugal é um dos raros países da UE que não faz parte desta rede.

E por último, valeu a pena também porque estão cada vez mais a surgir iniciativas como a do CIB, a qual vamos hoje assistir, em que vamos discutir um tema científico com profundas implicações sociais, políticas e económicas, de forma aberta e sem desconfianças. Outras visões da própria ciência sobre os transgénicos e a agricultura poderiam estar aqui presentes. Mas o que importa é começar. E o Centro de Informação em Biotecnologia está de parabéns por não ter temido esta aventura.

Associação Viver a Ciência

www.viveraciencia.org

Doutora Margarida Trindade

Coordenadora da Associação Viver a Ciência

E-mail: info@viveraciencia.org · Tel. 217 999 513

Conversas com Política

O Impacto da Biotecnologia na Agricultura:
Perspectivas para Portugal

